

**Aprender brincando: uma arte de ouvir no cotidiano indígena Anambé
no município de Moju-Pará**

Learning through playing: the art of listening in the daily life of the Anambé
indigenous people in the municipality of Moju-Pará

Benedita Celeste de Moraes Pinto¹

Andrea Silva Domingues²

Resumo: O presente texto é resultado de parcerias em grupos de pesquisa na Amazônia Tocantina que teve como objetivo interpretar os tipos de brincadeiras e brinquedos utilizados pelas crianças indígenas Anambé, no município de Moju, região do Tocantins-Pará; analisando as formas de transmissão dos saberes tradicionais pela arte de brincar, além do ensino formal, através dos modos de brincar e confeccionar brinquedos no cotidiano da aldeia indígena Anambé. Metodologicamente, o trabalho foi desenvolvido por meio da prática da História Oral e da etnografia para a organização das narrativas orais e do caderno de campo, que é o corpus de análise deste estudo. Durante a realização deste trabalho, foi possível perceber que a aprendizagem da criança Anambé se dá além do espaço institucionalizado de ensino. As crianças aprendem os saberes de seu povo, a sua tradição pela arte de brincar, no viver cotidiano; e na escola formal, aprendem o saber institucional, ocidental.

Palavras-chave: Ludicidade; Educação; Cultura; Memória.

Abstract: The present text is the result of partnerships in research groups in the Tocantins Amazon, which aimed to interpret the types of games and toys used by the Anambé indigenous children in the municipality of Moju-Tocantins-Pará; analyzing the ways in which traditional knowledge is transmitted through the art of playing, beyond formal education, through the ways of playing and making toys in the daily life of the Anambé indigenous village. Methodologically, the work was developed through the practice of Oral History and ethnography for the organization of the oral narratives and the field notebook that is the corpus of analysis of this study. During the course of this work, it was possible to realize that the Anambé child's learning takes place beyond the institutionalized teaching space. The children learn the knowledge of their people, their tradition through the art of playing, in their daily lives; and in formal school, they learn the institutional, western knowledge.

Keywords: Playfulness; Education; Culture; Memory.

1 Doutora em História: História Social pela PUC/SP (2004). Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura - PPGEDUC / Faculdade de História. UFPA - Campus Cametá. PROCAD Amazônia CAPES/Brasil. Contato eletrônico: celpinto18@gmail.com

2 Faculdade de Linguagem - Letras Língua Inglesa da Universidade Federal do Pará / CUNTINS Cametá. Programa de Pós-graduação em História Global da Universidade Federal de Santa Catarina. PROCAD Amazônia - CAPES/Brasil

Preliminares

As discussões apresentadas neste texto provêm de resultados de pesquisas de campo realizadas no projeto História, Memória, Ensino e Linguagens na Amazônia Tocantina, vinculado aos Grupos de Pesquisa: História, Educação e Linguagem na região Amazônica (GPHELRA), Quilombos e Mocambeiros: história da resistência negra na Amazônia (GPQUIMOHRENA); às Faculdades de História, Letras/Língua Inglesa e ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura do Campus Universitário do Tocantins – Cametá, da Universidade Federal do Pará (UFPA). As ações de pesquisa agregam pesquisadores da UFPA e outras universidades, como Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) via parceria do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia – PROCAD/Amazônia, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Nesse sentido, a partir da experiência com o povo Anambé, no Município de Moju, localizado no estado do Pará, principalmente através da prática da História Oral e da etnografia, que faz parte das experiências de pesquisa de/no campo realizadas por essas pesquisadoras, educadoras sociais e seus orientandos; nos propomos discutir o aprender brincar e como este aprendizado se constitui em formas de saber cotidiano, além do espaço institucionalizado de ensino formal para os habitantes desta comunidade, que se (re)significam no tempo presente, pois, para os povos indígenas, o ensino-aprendizagem se dá em diferentes espaços e tempos, sem ser uma forma rígida, determinada, “formalizada” de aprender fazer.

O ensino-aprendizagem também se dá no brincar, que é uma arte que contém complexidade e ludicidade. Estes elementos foram observados nos recortes das narrativas orais, coletadas na pesquisa etnográfica, nas descrições do caderno de campo, nas observações das manifestações individuais e/ou em grupo; pois a arte de brincar na comunidade Anambé, é uma ação partilhada no espaço público e coletivo entre as crianças, jovens e quem estiver por perto. Acontecimento este repleto de memórias e criatividade, que vai além de um senso comum, mas de sociabilidade, de troca de saberes, da arte de aprender fazendo, ouvindo, vivendo e experimentando.

Cultura e Ludicidade

Na Amazônia brasileira as comunidades indígenas são formadas por diferentes povos que constituíram seus saberes, processos identitários de formas diversas; as quais podem ser observadas nas maneiras de viver, de falar e de resistir entre matas, rios e igarapés dessa região, que mantêm suas práticas culturais latentes até o tempo presente. Contudo, é importante destacarmos que a exploração e a invasão das terras amazônicas foram acontecimentos brutais, que ainda permanecem nos dias de hoje. No entanto, nos faz compreender que o campo da cultura não é homogêneo, e sim atravessado por contradições e pelos conflitos de classe na disputa pela hegemonia; é permeado de disputas, em um movimento em que a tradição é dinâmica e está em constante processo de (re)significação (WILLIAMS, 1979).

É pensando neste campo de disputa, em uma história não hegemônica, que apresentamos, neste estudo, uma análise das pesquisas realizadas na aldeia Anambé, localizada no rio Cairari, Município de Moju, no estado do Pará; onde se encontra uma parte da ancestralidade desse povo, considerada na região como uma comunidade comprometida com a construção de uma sociedade mais justa, na perspectiva de formar lideranças que integrem e contribuam à comunidade, buscando sempre transformar informação dos saberes ancestrais necessários à vida dos mesmos (SEDUC - PA, 2005).

O decreto nº 304, publicado no Diário Oficial da União de 26 de dezembro de 1991, aponta que “A terra indígena Anambé foi demarcada por uma equipe do 2º Distrito Regional/FUNAI, em 1984 e homologada em 29 de outubro de 1991”, com um território de 7882 hectares, um perímetro de 42 km e localizada à margem direita do rio Cairari, afluente do rio Moju, entre o igarapé Carrapatal ou Capinacaia e o Lago Grande (SEDUC - PA, 2005).

Atualmente, a aldeia dos Anambé do rio Cairari dispõe de uma estrutura física onde vivem 50 famílias divididas em quatro núcleos familiares, juntos somam um total de 186 indígenas que residem efetivamente nesta aldeia. Esses núcleos familiares, segundo Souza (2016), possuem como referência determinados espaços que estão dispostos dentro da referida aldeia, como: posto de saúde, campo de futebol, escola e a casa do morador mais velho. Tais espaços foram organizados da seguinte forma:

Quadro I – Núcleos Familiares da Terra Indígena Anambé

NÚCLEOS FAMILIARES	NÚMERO DE FAMÍLIAS E ESTRUTURA
Eremum Anambé	17 Famílias, Escola e o Campo de futebol;
Baiano Anambé	15 Famílias, Posto de Saúde e a Igreja Pedra de Davi;
Marrir Anambé e dona Augustinha	11 Famílias e a Igreja da Assembleia de Deus Rocha Viva;
Pedro Anambé	07 Famílias.

Fonte: Censo Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI, 2020).

É entre os integrantes desses núcleos familiares da terra indígena Anambé que buscamos, neste estudo, dialogar com a importância do ato de brincar, da ludicidade na vida das crianças indígenas dessa comunidade, que pela arte de brincar e de confeccionar brinquedos, (re)significam traços culturais de seu povo em espaços e tempos diversificados dentro do seu território em meio aos afazeres cotidianos.

Para esta reflexão a categoria cultura assume, neste estudo, um papel fundamental no processo de entrelaçamento de construção do conhecimento do ensino formal/institucionalizado com o informal/não institucionalizado da população indígena da Aldeia Anambé, quando é compreendida como um termo em construção, constituído de disputas, saberes e práticas cotidianas, pois entendemos que “a formação de uma cultura nacional [...] criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como por exemplo, um sistema educacional nacional” (HALL, 2020, p. 49). Dessa forma, entendemos que o saber se dá de diferentes formas, além do discurso eurocêntrico, colonialista. Pois, **não há uma cultura** homogênea, uma cultura nacional no território brasileiro, onde há povos, comunidades diversas em múltiplos espaços; reforçando, desta maneira, a importância e emergência de pesquisas que tenham como foco pessoas comuns, povos e comunidades tradicionais, além dos espaços urbanizados.

Foi pensando nas diferentes possibilidades de compreender as formas de ensinar e aprender dentro da Aldeia Anambé que observamos o quanto o lúdico é marcante e se faz presente no cenário infantil, se constituindo em algo de grande importância e valia, pois proporciona à criança, desde muito cedo, experimentar a vivência com outras crianças, sentir emoções as mais diversificadas possíveis e viver em um mundo diante de constantes transformações. A ludicidade oferece às crianças um espaço de aprendizagem, de formação de amizades, de invenção e reinvenção das coisas, dos objetos, assim como também é um ambiente de diálogo e de vitalidade, pois:

A atividade lúdica adquire todo um significado quando se compreende a relação existente entre ela e o processo de desenvolvimento global da criança. Como expressão de suas necessidades, a

brincadeira desempenha um papel potencialmente vital nesse processo de desenvolvimento. Não é mera imitação, não é puramente repetição: a brincadeira e o jogo da criança reúnem elementos da sua experiência, para construir uma ação com novos significados (PIRES, 1989, p. 67).

Importante a compreensão da noção de experiência com a atividade lúdica, que não é um mero ato de repetição, mas sim, um processo de construção de saberes, de cultura, de sentidos, de significados que se dão pelo e no momento lúdico vivido pela criança, constituído através da experiência dos sujeitos, pois a noção de experiência é vivida, concebida; não é vinda de fora, exteriorizada, e lembremos que,

A formação de uma sociedade é a descoberta de significados e direções comuns, e seu desenvolvimento se dá no debate ativo e no seu aperfeiçoamento, sob a pressão da experiência, do contato e das invenções, inscrevendo-se na própria terra (WILLIAMS, 2015, p. 05).

As experiências são partilhadas e incluídas dentro das sociedades e assim também se dá na comunidade Anambé com as crianças no ato de brincar, como uma ação socioconstitutiva, um processo cultural permeado de sentimentos que são legitimados nas ações cotidianas por todos os indivíduos que participam desse acontecimento.

Embora a ludicidade se faça notar mais facilmente no ambiente cotidiano da criança, isso não significa dizer que seja algo único e exclusivo do mundo infantil; este se faz presente em todos os seres humanos, em todos os momentos de sua vida, mesmo que seja vivenciada de maneira e em níveis diferenciados. Carvalho (1998), em seus estudos, afirma que em decorrência das mudanças pelas quais a sociedade passa, principalmente no que diz respeito ao sistema de produção, a brincadeira, o jogo e o brinquedo passaram a ser associados e vistos como algo específico da criança, ficando a ludicidade restrita à criança e o adulto excluído deste contexto lúdico, pois:

Parece que o homem da ciência e da técnica perdeu a felicidade e alegria de viver, perdeu a capacidade de brincar, perdeu a fertilidade da fantasia, da imaginação guiadas pelo impulso lúdico. O brinquedo acabou sendo reduzido a um fenômeno marginal na paisagem da existência adulta, porque modelada e determinada por fenômenos mais sérios. Tudo o que ele faz precisa ter resultado. O que interessa é o produto planejado. O brinquedo acabou se transformando em um meio para atingir um objetivo estranho ao mesmo (SANTIN, 1995, p. 23).

Isso talvez seja fruto do modelo de sociedade que temos. Conforme afirma Carvalho (1998), a nossa sociedade, na sua lógica capitalista, não admite a ludicidade enquanto elemento constitutivo do homem, porque interfere no comportamento que esta sociedade espera deste homem: um comportamento automatizado, robotizado. Sem dúvida, a sociedade capitalista, à medida que a criança cresce, tende a sufocar a sua ludicidade para inseri-la no mundo da produtividade cuja lógica, quase sempre, está voltada à produção e ao lucro. Muitas vezes, tal sociedade acaba fazendo com que o adulto não se permita a brincadeira, como se o ser humano, ao atingir um determinado estágio de sua vida, fosse obrigado a se esquecer da criança que foi e daquela que cada ser humano tem escondida em seu interior. Nessas circunstâncias, o mundo do trabalho adquiriu dimensões muito amplas, assim como passou a ter uma importância muito maior, pois absorveu o homem quase por completo e o resultado foi o pouco espaço para que este viva sua ludicidade.

Observamos o caráter dessa espontaneidade de ludicidade entre as crianças da aldeia indígena Anambé, uma vez que suas brincadeiras acontecem, na maioria das vezes, em qualquer lugar, não importa se este lugar é uma árvore, um rio, um igarapé ou o quintal da casa, ou até mesmo a floresta; como também, se o dia está ensolarado, chovendo, se é cedo ou tarde. O que interessa mesmo é que a brincadeira aconteça.

Sim, a ludicidade é fantasia, imaginação e sonhos que se constroem como um labirinto de teias urdidadas com materiais simbólicos. A ludicidade é uma tessitura simbólica fecunda, gestada e gerada pela criatividade simbolizadora da imaginação de cada um. (...) Os mundos fantasiosos do brinquedo revelam a fertilidade inesgotável de simbolizar do impulso lúdico que habita o imaginário humano (SANTIN, 2001, p. 59).

No mesmo sentido, não podemos esquecer que o lúdico é um elemento que faz parte da vida dos sujeitos, e enquanto elemento integrante de sua vida é aquilo que dá o norte no processo de criação humana. O lúdico possui em si um caráter revolucionário e transformador por ser capaz de gerar e de superar conflitos. É este caráter revolucionário e transformador, contido na ludicidade, que pode vir a gerar a possibilidade de criar e recriar conhecimentos (CARVALHO, 1998).

A atividade lúdica possui em si um grande potencial, que é o de proporcionar prazer à criança e a seus brincantes; prazer este que surge a partir das descobertas de coisas novas, de aventurar-se rumo a novas experiências, de entrar em contato com outras realidades no momento em que se está brincando e que pode, muito bem, contribuir para o seu conhecimento e aprendizado. O lúdico é **uma possibilidade de liberdade e esperança** em diferentes tempos e espaços.

[...] o lúdico proporciona alegria nos espaços em que se faz presente ao mesmo tempo em que possibilita a esperança de liberdade para o mundo todo, sugerindo também que há outras possibilidades para a vida humana (ALVES, 1995, p. 104).

Na constituição da ludicidade há trocas de saberes, os quais geram conhecimentos diversos a partir da realidade dos sujeitos, de suas formas de viver e se fazer em seus territórios. Não se pode esquecer de que o lúdico, pela arte de brincar, se faz presente em diferentes momentos do cotidiano no espaço da aldeia, e este é vivido de forma coletiva pelas crianças, jovens e, em alguns momentos, pelos adultos que experimentam, neste momento, práticas culturais de tempos remotos que se (re)significam no tempo presente, valorizando as lutas, memórias e a cultura desse povo que mantém costumes tradicionais indígenas da cultura Anambé que são repassados às novas gerações pela arte de falar, pelo fazer e pelo ato de brincar.

História Oral e Etnografia como práticas de pesquisa

A prática da história oral é compreendida por estas pesquisadoras como a arte da escuta do outro, que se preocupa em aprender aquilo que o próximo tem a falar, a partilhar, a ensinar, independentemente de seu status na sociedade, considerando sempre que todos os sujeitos são iguais e possuem a mesma importância na narrativa dos acontecimentos, pois “quando fazemos uma entrevista, invadimos a privacidade de outra pessoa e tomamos seu tempo. Sendo a arte essencial do historiador oral a arte de ouvir” (PORTELLI, 1997, p. 21).

A arte de ouvir é, então, uma função essencial do pesquisador da história oral e da educação, que trabalha não apenas com fontes de informações, mas sim com sujeitos sociais, com linguagem, com discurso e com memória, a qual vive em constante movimento. A história oral foi uma das práticas metodológicas deste estudo, pois valoriza as pessoas comuns, no caso da proposta aqui apresentada, as crianças da comunidade indígena Anambé, já que “a história oral é a que melhor reconstrói os particulares triviais da vida das pessoas comuns para aqueles que desejam realizar isso” (PRINS, 1992, p. 192).

É na linha de uma história que busca dar visibilidade a sujeitos sociais, a temáticas relacionadas a práticas culturais que não aparecem nas narrativas tradicionais da escrita da história, que procuramos mostrar

que há diferentes sujeitos ativos e construtores de sua própria história na sociedade, além do mundo ocidental, contribuindo de forma decisiva para o processo histórico de suas comunidades, de suas existências que, neste texto, tratamos pelo fazer brincar por crianças indígenas Anambé, na Amazônia Paraense; buscando analisar essa prática cultural a partir de narrativas orais e da pesquisa etnográfica em meio a nossas andanças na aldeia e no viver da/na pesquisa de campo. E desta experiência socioconstitutiva foi-nos possibilitado compreender a relação do passado com o presente e do presente com o passado nas atividades lúdicas vividas, no brincar, pelas crianças dentro do território indígena e assim concordamos que,

O elo com o presente também é óbvio, pois o processo de compreendê-lo tem muito em comum com o passado, não obstante o fato de que compreender como o passado se converteu em presente nos ajuda a compreender o presente, e provavelmente algo do futuro (HOBSBAWN, 1998, p. 230).

Na perspectiva de compreender o presente a partir das experiências do passado para, então, projetar um futuro diferente, como pesquisadoras sociais, realizamos pesquisas que trabalham com o tempo presente. A etnografia até os finais dos anos 70 era uma metodologia de pesquisa usada quase que exclusivamente por antropólogos e sociólogos. Com os novos temas da história, passa também ser de interesse das diferentes áreas do saber e a compor os estudos na academia, nascendo a investigação antropológica ou etnográfica (LUDKE E ANDRÉ, 1986), auxiliando pesquisas de campo na construção de instrumentos de análise como o caderno de campo, lembrando que:

É no diário de campo que se exerce plenamente a “disciplina” etnográfica: deve-se aí relacionar os eventos observados ou compartilhados e acumular assim os materiais para analisar as práticas, os discursos e as posições dos entrevistados, e também para colocar em dia as relações que foram nutridas entre o etnógrafo e os pesquisados e para objetivar a posição de observador (WEBER, 2009, p. 158).

A partir do corpus de análise, composto por recortes de narrativas orais de homens e mulheres indígenas e de anotações do caderno de campo elaborado pelas pesquisadoras e membros dos Grupos de Pesquisa História, Educação, Linguagem na Região Amazônica (GPHELRA) e Quilombos e Mocambeiros: história da resistência negra na Amazônia (GPQUIMOHRENA), cadastrados no CNPq, vinculados ao Campus Universitário do Tocantins, da Universidade Federal do Pará, realizamos a análise/interpretação do discurso e do sentido de como os saberes cotidianos da arte de brincar e de confeccionar os brinquedos indígenas são aprendidos pelas crianças fora do espaço escolar institucionalizado, ou seja, como o saber tradicional e as práticas culturais do viver com a natureza são incorporados, (re)significados pela e na arte de brincar.

Aprender para continuar: o aprendizado das crianças Anambé

Ao caminhar pela aldeia indígena Anambé é possível observar que esta tem um número considerável de crianças que, diariamente, se relacionam e interagem entre si nos mais diversos espaços, por meio de suas múltiplas brincadeiras e brinquedos. As brincadeiras acontecem e se desenrolam em qualquer momento e espaço, dado seu caráter de espontaneidade e pelo fato de a vida da criança se confundir com a brincadeira. Não interessa para o sujeito-criança se é cedo ou tarde, se é dia ou noite, se está chovendo ou fazendo sol; ou ainda se o local é o galho de uma árvore, o rio, o mato, sua casa ou uma canoa. O que importa mesmo é que a brincadeira aconteça como uma simples arte de brincar.

Nos diálogos informais com as crianças Anambé, percebemos que sempre estão muito

bem-informadas a respeito de tudo que se passa nos diferentes espaços da sua aldeia. Quase nada passa despercebido diante de seus olhos, sempre atentos, por isso são detentoras de um grande conhecimento acerca do meio em que vivem. Demonstrem surpreendente conhecimento a respeito dos nomes das árvores, das frutas (se são boas para comer ou são perigosas para o consumo), dos peixes, das caças e a maneira como as capturam. Observamos que as crianças Anambé estão em todos os lugares da aldeia. Pois, são raros os lugares de restrições para elas, que circulam livremente pela comunidade sem que sejam incomodadas ou importunadas.

As crianças [...] são excluídas de pouquíssimos acontecimentos que importam no cotidiano e nos rituais dessa sociedade. Seu cuidado [da criança] toma o maior tempo dos adultos; sua saúde, desenvolvimento, andanças e novos aprendizados são parte importante das conversas cotidianas, especialmente das mulheres. A elas, pouco é proibido (COHN, 2000, p. 62).

As crianças Anambé desempenham importantes e valiosos papéis no cotidiano da aldeia, como os de levar e trazer mensagens de uma casa à outra, funcionando como mensageiras; realizam essa tarefa muito bem. Conforme menciona Cohn (2000, p. 70), as crianças são sempre muito bem-informadas do que acontece na aldeia, trocam importantes informações e impressões entre si. Quando nasce um bebê, são sempre as crianças as primeiras a chegar e a informar aos outros sobre a parturiente, a saúde e o sexo do bebê.

Além de mensageiras, as crianças também desempenham outras funções e atributos que auxiliam na vida cotidiana da aldeia, como: levar um pedaço de carne de caça ao vizinho, buscar água para sua mãe, levar ou emprestar uma louça, bem como, sal e até mesmo fósforo para acender fogo. Com o olhar atento de pesquisadoras, anotávamos o ir e vir das crianças dentro dos espaços da aldeia, o que nos possibilitou, aqui, descrever que o dia a dia de uma criança Anambé, pode ser muito diferente e dinâmico: em um dia, serve como acompanhante da mãe na roça; no dia seguinte, pode muito bem acompanhar o pai durante a pescaria; em outro, ajudar seus pais a descascar mandioca, ou ainda, podem ficar em casa na companhia de outras crianças. E, assim, conforme os dias vão passando, seu cotidiano vai se diferenciando, além de ajudarem diariamente os adultos nos afazeres domésticos, como: varrer a casa, lavar roupas, cuidar dos irmãos menores, também acompanham os adultos na coleta de frutos (uxi, piquiá, inajá e bacuri) na mata. A partir de uma certa idade, que pode variar entre 07 (sete) a 12 (doze) anos, começam a fazer a sua própria programação diária, como por exemplo, andar em companhia de outras crianças nos caminhos de matas e capoeiras nos arredores da aldeia; sair remando em canoa pelos igarapés nas proximidades da reserva ou empreender atividades de caça e pesca.

Em uma das nossas estadas na aldeia Anambé, ao voltarmos de um banho no rio Cairari, à noite, em companhia de várias crianças, presenciamos dois meninos exercitando uma caçada ao perseguirem um lagarto, que em poucos minutos foi capturado. A presa, antes de ser devolvida ao seu ambiente natural, nos foi apresentada; tanto com intuito de nos meter medo, quanto para demonstrar, através desta espécie de brincadeira, quem sabe caçar. Este ato de caçar e devolver o animal à natureza de maneira tão natural, nos aguçou a entender o sentido de respeito à natureza, ou seja, no exercício da caçada, o animal era apenas para o treino e não para servir como subsistência, como alimento. Tal brincadeira pode ser vista como um exercício muito positivo e proveitoso, além de aguçar a percepção noturna, também os ensina e os habilita a realizarem a caçada de qualquer animal durante a noite, visto que desenvolve as técnicas e as táticas necessárias para este fim.

É através das brincadeiras que as crianças da aldeia Anambé aprendem a viver, respeitar a natureza

e executar as atividades práticas do seu cotidiano, como: caçar, pescar, plantar, fazer panelas ou pratinhos de barro, artesanatos, pinturas, cozinhar, trançar cestos, além de outras atividades, visto que sempre acompanham seus pais nessas tarefas. Por outro lado, os pais também fazem questão de incentivar as crianças a participar desses momentos, por saberem da importância que exercem sobre elas. Desta forma, observamos crianças raspando mandioca juntamente com os adultos, acompanhando suas mães nas lavagens de roupas, às margens do rio Cairari, assim como na limpeza ou preparo de caças capturadas por algum parente. No cotidiano, as crianças Anambé, também aprendem com seus pais e avôs as histórias de seu povo, os fundamentos da sua cultura, os costumes, e tudo o que vão precisar futuramente para viver e manter a memória de sua nação. E dessa forma, histórias, costumes e cultura do povo Anambé vão sobrevivendo e se perpetuando ao longo dos anos.

Foi pensando no funcionamento do aprendizado das crianças, além do ensino institucionalizado/formal que, em alguns momentos de nossos diálogos, nas entrevistas dentro da aldeia com os sujeitos mais velhos, foi enfatizado em suas narrativas que as crianças da atualidade, ao crescerem, também repassarão para seus filhos e netos os saberes tradicionais de seu povo Anambé. A respeito do aprendizado das crianças Anambé, Maria Valdeniza Pantoja Anambé rememora que,

O aprendizado das crianças se dá assim, é porque eles têm o horário deles de estudar na escola (Aipã Anambé) e têm o horário deles de *tá aprendendo com os pai*. A gente faz nossos serviços e fala *bora lá meu filho ajudar*, por exemplo, a descascar mandioca, aí raspa, vai ajudar a limpar mandioca e coisar **lá no forno, peneirar a massa. Vai na roça ajudar a gente plantar**” (Entrevista realizada com Maria Valdeniza Pantoja Anambé, 39 anos de idade, moradora da aldeia Anambé).

Valdeniza Anambé, uma de nossas narradoras, demonstra claramente em sua narrativa a importância dos saberes e seu funcionamento dentro da aldeia, ou seja, tudo tem seu horário. Há o aprendizado na escola (institucionalizado) e o aprendizado com os pais (cotidiano). Este último se dá nos quintais, na casa e na natureza. O aprender a fazer-se, em suas práticas culturais e na tradição Anambé, é vivenciado no seu tempo de viver além do espaço escolar.

Nas rodas de conversas, durante momentos descontraídos no lócus da pesquisa, pudemos ouvir, observar e registrar, que os Anambé valorizam o estudo das crianças na escola formal, por isso aconselham, que ao amanhecer, primeiro “devem ir para a escola, estudar”, só depois permitem que seus filhos façam as tarefas rotineiras importantes no cotidiano das pessoas na aldeia. Assim como deixam bem evidente que a escola é importante para as crianças aprenderem os códigos dos “brancos, dos não indígenas”, para aprenderem a lidar com realidades diferentes com as quais convivem. Desta maneira, só após as aulas, levam os filhos como acompanhantes ou ajudantes nas tarefas e atividades cotidianas, como: pescar, caçar, plantar e assim por diante. Conforme afirmam, os pais repassam aquilo que sabem, “aí com 12 a 14 anos, eles já sabem utilizar uma arma para caçar”. Ainda dialogando com a narradora Maria Valdeniza Pantoja Anambé, esta nos diz que as crianças, desde muito cedo, já sabem fazer muitas atividades:

Olha aqui crianças de 8 anos de idade já sabe fazer todo esse processo da farinha que a gente faz, já sabe e é importante pra eles isso, *aí é uma cultura* pra eles que eles *nunca vai esquecer*, eles *vão dá continuidade*, **vão repassar** pros filhos deles, é uma cultura que nunca *vai perder* (Entrevista realizada com Maria Valdeniza Pantoja Anambé, 39 anos de idade, moradora da comunidade Anambé).

As práticas culturais indígenas Anambé e suas tradições são (re)significadas de geração a geração durante décadas, pela arte do aprender fazer, pela arte de ouvir, ver e viver com os mais velhos na aldeia

desde muito cedo. As práticas culturais dessa população indígena ainda estão presentes nas atividades cotidianas, são vivenciadas pelas crianças desde pequenas como tarefas diárias, pois, desta forma, como nos disse Valdeniza Anambé, “vão continuar, repassar e nunca perder a cultura” de seu povo. Importante destacarmos que mesmo o Estatuto da Criança e do Adolescente ECA, dispondo que “Art. 60. É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade.” (BRASIL, 2019), as tarefas ensinadas pelos mais velhos, cotidianamente, no espaço da aldeia, para as crianças fazem parte dos seus costumes tradicionais, da cultura específica do povo Anambé, que além do espaço da “Escola do Estado”, usa de seus quintais, das matas, da casa, do rio e dos igarapés para ensinar suas formas de viver, suas memórias e suas histórias. Conforme a Constituição Federal:

Art. 231 - São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens (BRASIL, 1988).

Contudo, é importante ressaltar que, embora as crianças Anambé participem ativamente de afazeres no cotidiano de sua aldeia, como o preparo da farinha de mandioca, lavagem de roupas e louças (vasilhas) com suas mães, feitura da alimentação, participação no plantio de roças, isso não é visto como trabalho por elas, tais tarefas são encaradas como uma espécie de diversão, animação, já que tudo que fazem se funde com suas brincadeiras.

Nas tarefas cotidianas, as crianças têm a oportunidade de estar mais próximas também dos mais velhos, dos considerados sábios da aldeia, verdadeiros guardiões dos saberes e conhecimentos do povo Anambé que, ao dialogarem com as crianças, falam sobre os animais e plantas, origem do mundo e das histórias e tradições do seu povo com muito orgulho. É por meio de brincadeiras, brinquedos e do acompanhamento de seus pais ou avôs em suas tarefas cotidianas, ouvindo as histórias contadas pelos mais velhos, que as crianças vão construindo gradativamente seus conhecimentos, aprendizados e saberes que lhes serão úteis para a vida toda. Neste ato de ouvir, podemos afirmar que

A história oral é uma construção de diferentes tempos da memória, para valorizar múltiplas experiências contidas nas diferentes formas de se fazer refletida pela cultura oral que é uma vivência, um estar no mundo, o modo de vida dos sujeitos sociais (DOMINGUES; CARROZZA, 2013, p. 45).

Os mais velhos rememoram seu passado, mobilizam histórias, memórias, lutas, sentidos diversos de ser Anambé, e resistir até o tempo presente. Narrar, contar histórias, ensinar como brincar, como fazer um brinquedo ou uma tarefa do cotidiano para uma criança é se fazer existir e projetar uma existência futura. O aprender nos diferentes espaços da aldeia, para a criança Anambé, é uma forma de continuar a existência das práticas culturais de seu povo, de suas tradições de resistir e de se manterem vivos em meio à cultura ocidental.

Brinquedos e brincadeiras das crianças Anambé

A arte de brincar, as atividades lúdicas estão presentes no cotidiano das crianças Anambé nos diferentes espaços da aldeia, sendo cada brincadeira um acontecimento de sociabilidade, lazer e de muito aprendizado para estes sujeitos; é no ato de brincar que (re)significam memórias individuais e coletivas de como dançar, pular, nadar, jogar, caçar, de seus antepassados, pois para confeccionar seus brinquedos precisam aprender a fazer e conhecer detalhes e memórias culturais, tradicionais da cultura de seu povo. Ao observarmos as

crianças no momento de brincar e ao ouvirmos seus diálogos, formas de comunicação durante as brincadeiras, percebemos que a memória individual e coletiva se inter-relacionam, lembremos que,

A memória coletiva, por sua vez, engloba as memórias individuais, mas não se confunde com elas, evoluindo conforme suas leis. Quando ocorre de determinadas lembranças individuais a invadirem, estas mudam de aspecto na medida em que são substituídas em um conjunto que não é mais uma consciência pessoal... Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente (HALBWACHS, 2013, p. 72).

A memória individual e coletiva interagem entre si ao mesmo tempo que se alinham separadamente, pois a memória individual é a parte pessoal de cada sujeito, e a memória coletiva é a memória social que é compartilhada no grupo, no meio social. A memória dos sujeitos indica as fronteiras históricas, as escolhas individuais e coletivas do sujeito, pois o ato de lembrar revive marcas do passado vividas ou não pelos sujeitos, mas que, de alguma forma, significam suas lutas individuais e coletivas.

Foi pensando neste movimento da memória que percebemos a relação que existe entre memória individual e memória coletiva durante as brincadeiras das crianças Anambé, que como nos afirma Halbwachs (2013), a memória individual é um estado de consciência sensível que se constrói a partir de referências próprias de um grupo e não é isolada, estando ela conectada na memória coletiva. Esta, por sua vez, apoia-se no passado vivido, na pluralidade, sendo o tempo todo ativada pela memória individual, assim, a memória individual e a coletiva se inter-relacionam.

Nesse sentido, de inter-relação da memória individual e coletiva, as brincadeiras e a confecção dos brinquedos na vida cotidiana das crianças na aldeia Anambé são entendidas como práticas culturais e fundamentais na constituição desta comunidade, contribuindo para a aprendizagem das crianças de um saber que não é tratado no espaço de ensino institucionalizado/formal. Pois este aprender traz, em seu conteúdo, tradições de tempos remotos desse povo que são passadas de geração a geração pela arte de falar, pela arte da escuta e de olhar fazer, que não estão presentes em um currículo da escola do Estado, de um currículo formal e ocidental; discussão esta que, em outro momento, iremos aprofundar sobre o currículo escolar Anambé.

Em nosso caderno de campo, pudemos registrar diferentes momentos vividos e experiências dentro da comunidade Anambé, e durante nossas observações é possível dizer que as brincadeiras e brinquedos das crianças Anambé, atualmente, já não são as mesmas do tempo de seus pais e avôs, essas passaram por transformações ao longo dos anos. Os materiais utilizados na fabricação dos brinquedos, bem como a maneira de brincar também passaram por mudanças. Nos diálogos informais em meio às andanças de pesquisa, os mais velhos narram que, no passado, praticavam diversas brincadeiras e utilizavam diferentes brinquedos, que eram feitos majoritariamente de matérias-primas tiradas da própria natureza que os cercava, como: madeira mole, barro, ripas, talas, folhas e caule de miriti, extremidade superior de cachos de algumas palmeiras nativas da região como: bacabeira e açazeiro para fazer bonecas. Dizem que gostavam de brincar de pira (pegador ou pega-pega) na água ou em terra, de roda, pata cega, casinha de palha, correr para o mato e se esconder, brincar de peteca e jogar bola. Essas eram as brincadeiras que mais utilizavam quando crianças. Quanto aos brinquedos, os mais comuns de seu dia a dia eram: bonecas feitas do cacho da bacabeira, carrinhos de miriti, panelas de castanha de sapucaieira, copos do fruto de Tauari, pratinhos e tigelas de barro.

Ivanilde Anambé, 31 (trinta e um) anos de idade, moradora da comunidade Anambé, a partir de suas lembranças, nos descreve que a bola com a qual brincava no seu tempo de criança não era do tipo que conhecemos hoje, de origem industrial; era feita de “urineiro de preguiça” (bexiga). Ivanilde Anambé relata que retiravam a bexiga do bicho preguiça e colocavam no sol para secar, depois de poucos dias, era só encher de ar que estava pronta para jogar. Da mesma forma, as petecas eram feitas de caroços de tucumã, que coletavam debaixo das árvores na mata. Foi nestes diálogos soltos, em meio à pesquisa de campo, que anotados em nosso caderno, instrumento de análise deste estudo, que podemos destacar que o ato de brincar da criança Anambé e suas práticas culturais sempre estiveram vinculados à natureza, exigindo do sujeito-criança habilidades específicas como lidar com a bexiga de um animal, secar e produzir sua bola; saberes estes que são (re)significados a cada geração, tomando sentidos diversos, mesmo porque a cultura está sempre em movimento e envolve “expressão de todas as dimensões da vida, incluindo valores, sentimentos, emoções, hábitos e costumes, associada a diferentes tipos de realidade” (FENELON, 2004, p. 09).

É possível perceber, no cotidiano da aldeia, que as brincadeiras e os brinquedos das crianças Anambé não são os mesmos vividos pelos seus antepassados, pois vivem o processo de interculturalidade, um diálogo com a cultura ocidental, uma inter-relação, através da qual se incorporam novos sentidos, símbolos, linguagens e formas de se fazer no cotidiano da vida da criança que, como vimos no início deste estudo, tem tempo de ir à escola para o saber institucionalizado/saber formal/ocidental e tempo para o saber não formal/do cotidiano/das práticas tradicionais de seu povo, e são nesses diferentes espaços e momentos que a criança vai aprendendo a fazer e se fazer como sujeito Anambé.

É neste contexto que surge o conceito de interculturalidade, usado para indicar um conjunto de propostas de convivência democrática entre diferentes culturas, buscando a integração entre elas sem anular sua diversidade, ao contrário, “fomentando o potencial criativo e vital resultante das relações entre diferentes agentes e seus respectivos contextos” (VASCONCELOS, 2015, p. 1).

Na interculturalidade dentro do espaço de saber não institucionalizado, onde os vínculos identitários são mantidos na e pela memória, por diferentes formas de linguagem, durante a pesquisa, percebemos que a grande maioria dos brinquedos das crianças dentro da aldeia já são adquiridos prontos, industrialmente, e poucos são confeccionados manualmente pelas crianças Anambé no tempo presente. Referente às brincadeiras, algumas permanecem, como: brincar de pira na água ou na terra, jogar bola e brincar de casinha. Contudo, poucas mudanças ocorreram nos locais que são destinados para o acontecer das brincadeiras; o palco delas continua sendo os diferentes espaços e ambientes da aldeia Anambé que se encontram disponíveis e ao alcance das crianças a todo momento do dia, na hora que quiserem brincar, seja o tipo de brincadeira que for. Como também não mudou o entusiasmo e a alegria com que as crianças Anambé encaram e realizam suas brincadeiras cotidianamente, as quais são sempre acompanhadas de altas gargalhadas e gritos, em um ambiente dominado pelo barulho provocado pelos seus brincantes. A arte de brincar continua sendo livre e em meio à natureza. Mesmo as crianças tendo acesso aos brinquedos industrializados, elas também têm acesso às brincadeiras que as conectam com o seu grupo e as mantêm ligadas coletivamente à cultura Anambé.

As crianças da reserva indígena Anambé demonstraram em seu tempo de brincar e também nos contaram que sentem prazer no ato de brincar de pira (pegador ou pega-pega) na água e na terra, de casinha, pular corda, macaca (amarelinha), de cabo de guerra, de boneca, de jogar bola e da brincadeira denominada por elas por pisei. Do pisei, fizeram questão de dar detalhes, é uma brincadeira em que se desenha um quadrado grande na terra e depois subdivide o mesmo em vários quadrados menores, o(a)

brincante tem de fechar os olhos e começar a passar de um quadrado ao outro até que chegue ao último, e faz isso perguntando frequentemente ao companheiro(a): pisei? Caso tenha pisado fora do próximo quadrado ou em cima da linha que o separa perde a vez na brincadeira, passando a outra criança. Ao chegar à sua vez novamente, terá de recomeçar do início. Será vencedor quem fizer todo o percurso sem pisar na linha ou fora do quadrado. No que tange a brincar de pular corda e de cabo de guerra, observamos que as cordas que utilizam para este fim, na maioria das vezes, são feitas de cipó, que as crianças retiram nas matas da reserva. Usam, portanto, a criatividade para que suas brincadeiras aconteçam.

O ato de brincar é algo quase natural da criança e, de alguma maneira, foi experimentado pelos mais velhos em tempos diferentes. Foi nesse narrar das crianças, nesse olhar as brincadeiras nos diferentes espaços da aldeia que compreendemos a arte de brincar como uma experiência socioconstitutiva dos sujeitos, como uma estrutura de acontecimentos sensíveis, como um processo histórico e social em constante movimento. Para além das brincadeiras narradas pelas crianças Anambé, observamos também que gostam de brincar subindo em árvores, de lutar entre si, de untar o corpo com lama, de brincar de corrida, pular na água tendo como suporte os galhos das árvores; brincam com animais de estimação, como: macaco, preguiça, jaboti, os quais se tornam uma espécie de membro da família. O elo com a natureza sempre está presente, e o respeito por ela também está nas brincadeiras. As crianças Anambé mantêm uma relação com a natureza de harmonia, de troca, que é constituída historicamente dentro da aldeia e pelas relações estabelecidas no cotidiano. É da terra, das matas e das águas que também sai o alimento, e a interculturalidade não interfere para que essa prática cultural seja mantida, pois a interculturalidade permite associar os conhecimentos produzidos pelo Ocidente aos conhecimentos produzidos pelas culturas tradicionais, considerando sua natureza e sua realidade de vida (MARIN, 2009), quando de fato são respeitadas as diferenças e não imposto um discurso fundador.

As crianças na aldeia Anambé utilizam, em suas brincadeiras, brinquedos industrializados, como: ursinhos, sapos de pelúcia, bonecas feitas de plástico, borracha e pano, carrinhos de plástico, velocípedes e bonecos de super-heróis. Assim como usam os brinquedos que fazem artesanalmente, por exemplo, arco e flecha em miniatura, barquinhos de madeira mole ou miriti, pratinhos e tigelas de barro. São perceptíveis as mudanças que atingem seus brinquedos, visto que, há alguns anos, conforme narram os mais velhos, estes eram feitos manualmente pelas próprias crianças, com materiais coletados ou extraídos das matas da reserva onde vivem. Mas, apesar das mudanças serem inegáveis, se observa que é por intermédio de suas brincadeiras e brinquedos que constroem seus saberes, conhecimentos e aprendizados.

As suas brincadeiras ilustram muito bem os conhecimentos e aprendizados transmitidos para essas crianças no seu cotidiano. Brincar com boneca, por exemplo, ensina a menina lidar com um bebê de colo e a prepara para exercer um futuro papel de ser mãe; brincar de pira ou de outro tipo de brincadeira nas águas do rio Cairari traz múltiplos ensinamentos às crianças, como: aprender nadar, mergulhar, controlar a respiração debaixo d'água, remar uma canoa, pois quando estão tomando banho, sempre há uma canoa por perto. Brincar de subir nas árvores as ensina a respeitar a natureza, viver em harmonia com esta, sem agredi-la, entender a importância da flora e fauna para a manutenção da sua vida e dos seus. Brincar com bola (futebol) as ensina a respeitar seus adversários, assim como saber ganhar e perder, desenvolver e fortalecer o espírito coletivo, de equipe. Brincar de macaca (amarelinha) ensina a contar números, o equilíbrio para pular com as duas pernas ou com uma apenas; além de aprender a desenhar formas geométricas, como: círculos, quadrados e retângulos. Brincar de luta ensina técnicas de ataque e defesa, ter resistência a pancadas, dominar dores e ter maior controle sobre o corpo;

além de lhes preparar para serem valentes guerreiros(as).

Brincar de cabo de guerra, além de fazer fluir o espírito coletivo, também desenvolve a resistência física e o uso da força. Brincar de casinha ensina a menina a ser boa dona de casa, boa mãe e o menino bom esposo, bom pai. Pular corda ensina a ter mobilidade corporal para agir de forma rápida e constante. Tal como aprendem a controlar a respiração e a cantarolar as músicas que acompanham a maioria das brincadeiras. A brincadeira denominada pelos Anambé de “pisei” ajuda a aguçar os sentidos, principalmente a visão e a percepção. No brincar de subir nos galhos das árvores, que margeiam os rios e igarapés, para pular na água, aprendem técnicas para escalar árvores, pular de alturas consideráveis e não ter medo. Ao brincar de untar o corpo com lama ou barro, aprendem a afugentar insetos, se proteger do sol, visto que a lama funciona como uma espécie de bloqueador solar natural.

Da mesma forma, a confecção de brinquedos também lhes é fonte de saberes e conhecimentos. Podemos tomar, como exemplos, a fabricação de brinquedos feitos de forma artesanal no dia a dia desse povo. Ao fazer um barquinho de miriti ou madeira mole para brincar, a criança Anambé aprende todas as técnicas e as etapas do preparo de um barco, e poderá muito bem aplicar todo esse conhecimento mais tarde para produzir um barco de madeira em tamanho normal. Aliás, esse é um meio de transporte muito usado pelos habitantes da aldeia Anambé para navegar pelos rios que cortam sua reserva. Isso vale para o preparo de arco e flecha em miniatura, as crianças, ao fazerem, aprendem as técnicas de seu preparo e quando adultas serão capazes de fazer um para seu uso. A confecção deste utensílio permite também, às crianças Anambé, desenvolver, exercitar e aperfeiçoar a pontaria, que lhes será muito útil na caça e na pesca, uma vez que estas atividades são muito importantes para os povos indígenas. Fazer pratinhos ou tigelas de barro também lhes proporciona a aquisição de saberes, pois quando confeccionam esses utensílios para fins de brincadeira, aprendem a trabalhar o barro e a deixá-lo na textura correta para o preparo deles, assim, quando adultas podem aplicar esses saberes para fazer não apenas tigelas ou pratos, mas também outro utensílio muito utilizado num passado recente por povos indígenas e ribeirinhos, que é o alguidar.

Essas mudanças referentes às maneiras de brincar e nos brinquedos das crianças indígenas Anambé provocam alguns reflexos no cotidiano desse povo. Pois, querendo ou não, acabam restringindo e diminuindo o poder de criatividade das crianças, que agora não confeccionam mais a maioria de seus brinquedos, já que esses chegam prontos em suas mãos. A introdução desses tipos de brinquedos provenientes da indústria, de certa forma, afeta e interfere significativamente na cultura, nos costumes e nos modos de vida dos moradores da comunidade Anambé, uma vez que estavam acostumados a produzir e criar seus próprios brinquedos, os quais, antigamente, eram feitos artesanalmente, aproveitando-se dos recursos que a natureza os oferecia, que ainda hoje são abundantes como: tala de miriti, barro, miriti, madeira mole, cachos de palmeiras, a exemplo da bacabeira. Esses tipos de brinquedos, isto é, produzidos manualmente com materiais da floresta, vêm perdendo espaço a cada dia, enquanto os de origem industrial vão na contramão desse processo. Uma das consequências imediatas é o desinteresse das crianças pelos brinquedos que são confeccionados no seio da comunidade Anambé. Como bem destacou uma moradora da reserva, “antigamente a mamãe fazia cachimbo e a gente pegava o resto do barro que sobrava pra fazer pratinho, hoje eles (os mais jovens) não querem saber mais” (fala da dona Maria Valdeniza Pantoja Anambé, 39 anos de idade, moradora da reserva Anambé).

Esse desinteresse, que começa a se manifestar entre as crianças da aldeia indígena Anambé por seus brinquedos, simbolicamente atinge também elementos que constituem sua cultura, porque confeccionar

brinquedos é algo arraigado na tradição desse povo, e quando aderem aos brinquedos industrializados estão, concomitantemente, esquecendo e deixando de praticar parte da sua cultura.

Os moradores da aldeia Anambé dizem que a causa principal de tal desinteresse das crianças por seus brinquedos tradicionais, substituindo-os pelos brinquedos comprados em lojas infantis, é resultado do acesso que elas passaram a ter com a televisão; acesso este que foi facilitado com a chegada da energia elétrica nesta aldeia. Este serviço permitiu que alguns dos habitantes da referida comunidade comprassem aparelhos televisores para suas casas. Embora bem poucos indígenas Anambé possam contar com esse recurso em suas residências, não foi o suficiente para impedir que as crianças fossem influenciadas por este tipo de comunicação. Por meio da televisão, as crianças Anambé passaram a conhecer outros tipos de brinquedos que lhes foram propagandeados por tal meio de comunicação. Em um curto período de tempo, elas se tornaram consumidoras dos mesmos e, de certa forma, inseriram em seu cotidiano novas formas de brincar.

Por outro lado, observamos que é por meio de seus brinquedos e brincadeiras que as crianças Anambé aprendem a nadar, mergulhar, remar, plantar, cozinhar, lavar roupa, pescar, caçar, trançar cestos, fazer farinha, artesanatos e outras coisas mais. Não restam dúvidas, de que as mudanças e transformações já atingem suas brincadeiras e seus brinquedos, mas ainda conseguem conviver executando suas brincadeiras com brinquedos feitos artesanalmente na própria aldeia e com brinquedos industrializados que são comprados, embora estes já estejam produzindo alguns reflexos que interferem na cultura e na tradição desse povo e as impactam diretamente. Conforme afirmam os mais velhos, as crianças já apresentam “desinteresse” pelos brinquedos que faziam corriqueiramente na aldeia. Contudo, ainda é através dos brinquedos que continuam fazendo, que elas constroem seus múltiplos saberes e conhecimentos que lhes serão muito úteis no cotidiano da sua aldeia.

No transcorrer da pesquisa, percebemos que existe resistência étnica por parte das crianças, sobretudo no que diz respeito aos brinquedos industrializados. Embora brinquem com eles, mas não permanecem brincando por muito tempo com tais brinquedos, logo se cansam e perdem o interesse, e não raro “se embrabecem” e os quebram, os destroem com facilidade. Quando desejam levá-los para outros ambientes da aldeia que não seja o espaço de sua casa, por exemplo, para margem ou leito do rio, são impedidas por seus pais, uma vez que muitos desses brinquedos não podem molhar. Por isso, preferem abandoná-los e sair pelos variados espaços da aldeia para outras brincadeiras mais atraentes e assim manifestam suas resistências.

Nesse movimento, percebemos como as identidades são afetadas pela globalização, havendo uma fragmentação, uma adaptação dos sujeitos com o presente, com os espaços e com as ferramentas disponibilizadas no momento. Há um encontro e desencontro de culturas. A criança Anambé, mesmo em contato com outras práticas culturais, não deixou de ser Anambé, pois as identidades são construídas historicamente e o sujeito assume diferentes identidades em diferentes momentos da sua história. Assim, não é possível afirmar que temos uma “identidade”, mas que somos compostos por uma identificação, passível de mudança e transformação (HALL, 2020).

O cotidiano das crianças na aldeia Anambé é condicionado ao tempo da escola do Estado/ institucionalizado/formal e depois às tarefas do cotidiano, nas quais está embutido o saber tradicional/não institucionalizado/não formal, no qual ser criança é ser livre para andar em todos os espaços da aldeia e a arte de brincar faz parte de seu desenvolvimento cultural, social e cognitivo. Para as crianças Anambé,

brincar e criar seus brinquedos, por mais simples que sejam seus atos no tempo presente, são vestígios de resistência de um povo que marca sua existência pela e na memória, principalmente quando se trata de seus vínculos em relação com a natureza.

Algumas considerações finais

O povo Anambé, atualmente, vem lutando para valorizar e reafirmar sua cultura. Muitos dos seus elementos culturais passaram por transformações no decorrer dos anos. Dentre os fatores que contribuíram para essas transformações citamos o processo de mudança de um local para outro enfrentado por este povo. A Escola Aipã Anambé, também vem sendo uma grande aliada dos Anambé nessa luta, pois conta com a presença de um professor indígena, Taoca Anambé, que além de ministrar aula de língua duas vezes por semana, também ensina a fazer artesanatos, pinturas e as danças. Para isso conta com a ajuda dos mais velhos da aldeia, os sábios, que tentam recuperar palavras já quase esquecidas, seus significados, assim como, suas danças. E essa luta já apresenta resultados, quando se observa que os nomes das crianças dessa etnia vêm sendo grafados na língua materna, algo que anteriormente não acontecia. Todavia, apesar da contribuição, essa escola está muito longe de ser a ideal a que os povos indígenas têm direito: uma escola específica, diferenciada e intercultural, visto que todos os espaços da aldeia são de constantes aprendizados, não havendo um momento e ocasião de aprendizado específico e único; uma vez que diferentes aprendizados e saberes ocorrem em quaisquer momentos e lugares. Sendo assim, as crianças tornam-se livres para aprender quando, onde e como quiserem, na forma que lhes parece mais agradável.

Ao analisar os brinquedos, as formas de brincar, a criança Anambé, reforçamos que enquanto sujeitos sociais “aprendemos a ser, constituímos-nos como seres humanos em atividade, interagindo física e socialmente na situação na qual estamos inseridos, o nosso “eu” é social” (CALZAVARA; HENNING, 2022, p. 05). A pesquisa demonstrou-nos que as brincadeiras, além de um acontecimento lúdico, de sociabilidade e de lazer, também são um espaço, um acontecimento histórico e discursivo, de aquisição de saberes tradicionais; aprendizados e conhecimentos das crianças indígenas que se concretizam pelas diferentes linguagens; seja pela oralidade, ao ouvir os mais velhos; pela corporalidade ao dançar, nadar; pelas habilidades específicas de caçar ou construir um brinquedo. É pelo ato de brincar que se constroem os valores cotidianos da criança, pois princípios são constituídos pela memória individual e coletiva no ato de brincar. Assim, **vão construindo suas histórias e (re)significando** suas memórias de geração a geração para se manterem vivos e existindo.

Na construção deste estudo, seja nos diálogos teóricos, metodológicos, na pesquisa de campo, no aprender com a comunidade Anambé, muitas outras indagações emergiram como um caminho de se pensar novas possibilidades de ações que contribuam com um projeto educacional diferenciado a partir da realidade, necessidade e desejo dos indígenas para o seu bem viver, além de um olhar capitalista, eurocêntrico e monocultural; um projeto decolonial e intercultural que valorize suas formas de se fazer e viver em meio as florestas e águas amazônicas.

Referências

- ALVES, R. **Histórias de quem gosta de ensinar**. São Paulo: Ars Poética, 1995.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 27 abr. 2021.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 2019. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/559134/Estatuto_crianca_adolescente_3ed.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2021.
- CALZAVARA, A. A. K.; HENNING, L. M. P. Educação democrática e educação para a democracia nos dias. **Revista Educação Ciência e Cultura- RECC**, Canoas, v. 27, n. 1, 01-12, mar. 2022. Disponível em: <<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/7773>>. Acesso em: 18 abr. 2022.
- CARVALHO, N. C. **Entre o rio e a floresta**: um estudo do imaginário e da ludicidade de crianças ribeirinhas. Fevereiro de 2006.
- CARVALHO, N. C. **O brincar, a cultura da criança e a escola**: possibilidades do conhecimento na educação física escolar. Piracicaba-SP, 1998.
- COHN, C. **A criança indígena**: a concepção Xikrin de infância e aprendizado. Universidade de São Paulo, fevereiro de 2000.
- CUNHA, M. C. da. **Índios no Brasil**: História, Direitos e Cidadania. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- DOMINGUES, A. S.; CARROZZA, G. História oral, Discurso e Memória. **Revista Tempos Históricos: Dossiê História Oral: desafios metodológicos e éticos**, Marechal Rondon, PR: Unioeste, v. 17, n. 02, 2013. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempohistoricos/article/view/9883>>. Acesso em: 13 dez. 2020.
- FENELON, D. R.; CRUZ, H. F.; PEIXOTO, M. do R. da C. **Muitas Memórias Outras Histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2004.
- HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Editora Centauro, 2013.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2020.
- HOBSBAWN, E. **A História de baixo para cima**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MARIN, J. Interculturalidade e Descolonização do Saber: Relações entre saber local e saber universal no contexto da globalização. REP - **Revista Espaço Pedagógico**, v. 16, n. 1, Passo Fundo, p. 7-26, jan./jun. 2009.
- NUNES, M. de F. R. **“Aprende Brincando”**: a criança atuando entre o povo Assuriní do Trocará, Município de Tucuruí-PA. Cametá, 2016 (Dissertação de Mestrado em Educação e Cultura, PPGEDUC/UFPA-Cametá). Disponível em: <<http://ppgeduc.propesp.ufpa.br/index.php/br/teses-e-dissertacoes/dissertacoes/316-dissertacoes-finais-turma-2016>>. Acesso em: 14 jan. 2021.
- PEREIRA, L. A. P. C. **Um olhar sobre a infância e as brincadeiras a partir de relato de idosos da cidade de Mineiros**. Goiânia-GO, 2008.
- PIRES, G. N. da L. A brincadeira e o jogo infantis como representação do mundo adulto e aprendizagem dos modelos sociais. **Educação em Debate**, Fort. 17/18 jan./dez. 1989. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/14097/3/1989_art_gnlpires.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2022.
- PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, n. 09, 1997a.

- PRINS, G. História oral. In: **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 192.
- RODRIGUES, L. M. **A criança e o brincar**. Mesquita, 2009. Disponível em: <http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/desafios-cotidianos/arquivos/integra/integra_RODRIGUES.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2021.
- SANTIN, S. **Educação física: da opressão do rendimento à alegria do lúdico**. Porto Alegre: Est. Edições, 2001.
- SEDUC-PA. **Programa Raízes “Descobrimo os Anambé”**. Secretaria Executiva de Educação do Estado do Pará. SEDUC. Belém do Pará, 2005.
- SILVA, A. I. da. **Manifestações religiosas na comunidade indígena Anambé, Moju-Pará**. UFPA/CUNTINS-CAMETÁ-PA, 2013.
- SOUZA, S. B. de. Educação e saberes culturais entre os indígenas Anambé na região do Tocantins, Pará. Cametá, 2016 **Dissertação** (Mestrado em Educação e Cultura, PPGEDUC/UFPA-Cametá). Disponível em: <<http://ppgeduc.propesp.ufpa.br/index.php/br/teses-e-dissertacoes/dissertacoes/169-2014>>. Acesso em: 22 nov. 2020.
- WILLIAMS, R. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- WILHIANS, R. **Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo**. Tradução de Nair Fonseca. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2015.

Submetido em: 03.03.2021

Aceito em: 25.04.2022